



ASSOCIAÇÃO  
INTERNACIONAL DE  
**Cidades  
Educadoras**

# ENTREVISTA

PRESIDENTE DA CÂMARA MUNICIPAL/PREFEITO DE BRUXELAS

**Sr. Philippe Close**

Depois de ter sido nomeado Presidente da Câmara em 2017, foi eleito nas eleições de 2018. Qual é o balanço que faz destes anos de mandato?

No próximo ano, chegaremos ao fim desta legislatura. Um dos nossos objetivos era o de oferecer a todos os bairros da cidade os serviços sociais, educativos, culturais, recreativos e desportivos a que os nossos concidadãos têm direito. Queremos criar uma "cidade de dez minutos" para melhorar a qualidade de vida, reduzir a polarização social entre os territórios, evitar o isolamento de alguns bairros e combater o isolamento das pessoas em situação de vulnerabilidade.

Fizemos progressos nestas áreas porque a cidade de Bruxelas está empenhada nos princípios da solidariedade e da igualdade de oportunidades que estão na base do nosso projeto de cidade inclusiva.

Todos estes princípios estão no centro dos nossos objetivos educativos e pedagógicos. Por exemplo, apoiámos a prestação de serviços públicos gratuitos e, em particular, os serviços relacionados com o ensino obrigatório.

Embora o ensino seja gratuito na Bélgica, as famílias têm de suportar os custos associados. Atualmente, a cidade de Bruxelas cobre, a partir do seu orçamento e/ou com o apoio dos organismos responsáveis, o custo do material escolar, incluindo certas ferramentas informáticas para uso pessoal, a natação e as atividades extracurriculares e, por último, mas não menos importante, as refeições num grande número de estabelecimentos escolares.



É claro que, durante esta legislatura, tivemos de lidar com crises muito graves. A pandemia de Covid-19 mobilizou uma enorme quantidade de recursos para mitigar as suas consequências para toda a sociedade. Do ponto de vista educativo, prestámos o melhor apoio possível aos alunos e ao público em geral, adaptando continuamente as escolas e as bibliotecas para as tornar acessíveis, de acordo com a evolução da pandemia e as medidas de proteção da saúde. Desde o fim da pandemia, a cidade tem contribuído para a resiliência da sociedade, em particular das crianças e jovens que sofreram atrasos elevados de socialização e aprendizagem.

A guerra na Ucrânia obrigou-nos a superarmos mais uma vez, dadas as dramáticas consequências humanas. A cidade, os seus habitantes e as empresas têm também de suportar as consequências socioeconómicas desta guerra, com o enorme problema do aumento dos preços da energia e da inflação galopante. Mais do que nunca, a solidariedade é a base da nossa ação política.

Fale-nos da cidade de Bruxelas: quais são as características que definem a cidade e quais são os seus desafios e pontos fortes em relação à educação na cidade?

A característica mais marcante da cidade é a sua diversidade sociocultural. A nossa capital acolhe mais de 180 nacionalidades diferentes. Isto é possível porque os habitantes de Bruxelas fomentam um espírito de encontro e de solidariedade entre os povos. Queremos fazer das nossas diferenças uma fonte de força!

O desafio é, portanto, "construir juntos a nossa cidade": isto começa na escola, desde a mais tenra idade, e assenta num projeto pedagógico e educativo, em que as aulas de cidadania e os ateliês "Philo", por exemplo, são essenciais.

Além disso, a nossa cidade é a capital do país e gere um grande número de instituições públicas em diferentes sectores que servem a população de toda a região, muito para além dos limites municipais. A rede educativa conta com mais de 30.000 alunos, desde a educação infantil ao ensino superior, qualificações, artes, promoção social, etc.



Conta ainda com um notável acervo de bibliotecas públicas. A cidade gere igualmente vários grandes hospitais universitários, alguns deles especializados, nomeadamente em pediatria. Além disso, é claro, existem numerosos centros culturais, teatros, centros desportivos, etc., que também fazem parte do conceito de "cidade educadora".

Trata-se, evidentemente, de um trunfo importante, que nos permite estabelecer laços fortes e desenvolver projetos e parcerias inovadoras, essenciais à nossa educação. Estou a pensar, por exemplo, nas práticas cívicas dos nossos alunos do 5º ano do ensino secundário em hospitais, infantários e lares de idosos, na parceria entre as escolas primárias e o Théâtre de la Montagne Magique (Teatro da Montanha Mágica) ou as bibliotecas no âmbito do programa "J'aime lire dès la maternelle" ("Gosto de ler desde o infantário"), etc.

Além disso, inúmeros eventos educativos, culturais, sociais e recreativos são organizados por toda a cidade, nos bairros, nas ruas e nas escolas.

Esses eventos podem ter ressonância nacional ou internacional - exposições em museus federais, congressos, concertos, festivais, etc. - mas também podem ser locais - festas de rua em que ocorre a apropriação social, patrimonial e ambiental.

Pode explicar brevemente quais são as principais responsabilidades da cidade em matéria de educação formal e se a cidade tem também outras responsabilidades no domínio da educação não formal e da aprendizagem ao longo da vida?

A cidade dispõe de uma rede educativa única na Bélgica. O município coordena mais de uma centena de escolas, desde o jardim de infância até ao ensino superior. Costumo dizer que se pode aprender tudo na cidade. Desde as línguas antigas até à soldadura e outros ofícios avançados. Ciências, enfermagem, artes aplicadas, carpintaria...





É uma tradição que remonta ao século XIX e é uma das nossas realizações mais orgulhosas, bem como uma das nossas principais prioridades. Estamos convencidos do papel emancipador da educação para as crianças, os jovens e os adultos ao longo de toda a sua vida.

Para acompanhar a evolução demográfica e as exigências das profissões do futuro, a cidade adapta constantemente a sua oferta educativa e investe enormes recursos no seu sistema de ensino público.

A educação de adultos é também uma prioridade desde há muito tempo: oferecemos uma educação para a promoção social de qualidade notável, que permite a milhares dos nossos concidadãos aceder a profissões, muitas vezes escassas, que satisfazem as suas aspirações.

O papel das bibliotecas públicas é, sem dúvida, o da aprendizagem ao longo da vida: a este respeito, gostaria de mencionar as bibliotecas "Abertas +", que estão agora acessíveis fora do horário normal de funcionamento, à noite, graças a um sistema automatizado de abertura das portas, permitindo que toda a população beneficie de espaços de estudo, leitura ou investigação e, especialmente, da Internet. Finalmente, a cidade também ensina música e artes a milhares de crianças, jovens e adultos nas suas academias. Podem aprender qualquer instrumento musical e qualquer estilo, bem como dança, teatro, ópera, técnicas gráficas e visuais, etc.

### Pode falar-nos de algumas medidas concretas que ilustram o plano de crescimento inclusivo?

A questão da habitação a preços acessíveis é essencial numa cidade tão diversificada. Enfrentamos uma enorme procura de habitação social para arrendamento e queremos também que a geração mais jovem, que tanto a deseja, possa ter acesso à habitação própria. A diversidade urbana é uma resposta a estes desafios. Reflete-se na renovação de bairros e edifícios multifuncionais com fundos públicos.



Em resposta à pressão demográfica, renovámos ou construímos habitações ligadas a infra-estruturas públicas. Por exemplo, temos escolas que foram concebidas ao mesmo tempo que habitações sociais, acessíveis a todas as bolsas: estas escolas partilham certos espaços com outros atores locais, por exemplo, à tarde, os pavilhões desportivos.

No que diz respeito ao desafio da migração, estamos a trabalhar para oferecer um acolhimento digno e respeitoso a todos, desenvolvendo medidas específicas, como a criação, em 2017, do "BAPA BXL", o Gabinete de Acolhimento de Recém-Chegados. Estas instalações permitem a todos os que vêm viver para Bruxelas beneficiar de um programa de acolhimento, adquirir as chaves para compreender a nossa sociedade e as nossas instituições, receber apoio para se instalarem e aprenderem a língua, etc.

O nosso objetivo é facilitar uma inclusão positiva e emancipadora, e esperamos que todos possam participar ativamente na construção de uma cidade acolhedora e solidária.



Bruxelas pretende tornar-se uma "cidade de 10 minutos", onde os cidadãos têm acesso a todos os serviços essenciais a 10 minutos das suas casas. Que estratégias estão a ser seguidas para atingir este objetivo?

A "cidade dos 10 minutos", de que já falámos, é uma prioridade social e económica. Mas também tem implicações para o ambiente. Isto é vital se quisermos atingir o objetivo de carbono zero e se quisermos que a vida na cidade continue a ser agradável face às alterações climáticas. Além disso, há toda uma série de iniciativas educativas que vão de par com estes objetivos e que têm imperativos ecológicos.

Nas escolas, nas empresas, no comércio, no turismo e no lazer, há iniciativas de sensibilização ambiental. Por exemplo, no planeamento urbano, a cidade educa os proprietários, os inquilinos e todos os residentes sobre boas práticas para poupar energia e água, separar os resíduos, promover as energias renováveis e a economia circular.

Bruxelas é uma cidade cosmopolita e multicultural com mais de 180 nacionalidades. Como é que a cidade promove a igualdade de oportunidades?

Para além do trabalho educativo, de sensibilização e de prevenção que realizamos nas nossas escolas, a cidade dispõe de uma "Unidade de Igualdade de Oportunidades" que luta contra a discriminação das pessoas LGBTQI+, das pessoas com deficiência, das mulheres e da população bruxelense de origem estrangeira. O objetivo é lançar iniciativas de sensibilização dirigidas aos cidadãos para lutar contra os estereótipos de desigualdade que ainda estão muito presentes na nossa sociedade. Estes estereótipos são contrários aos nossos ideais de uma cidade inclusiva.

Bruxelas é conhecida pela sua abertura: o nosso país foi um dos primeiros do mundo a autorizar o casamento para todos, por exemplo. A capital é famosa pelo seu festival anual "Pride", uma ocasião festiva, mas que recorda que ainda há um longo caminho a percorrer para alcançar a plena igualdade na prática e na mente das pessoas.

No Ministério da Educação, por exemplo, criámos uma "Unidade de Género" dedicada à organização de atividades sobre todas estas questões nas nossas escolas. O desporto é uma porta de entrada para os alunos refletirem sobre questões de discriminação de género e orientação sexual. Os "Ateliês Philo" (oficinas de filosofia) são organizados nas nossas aulas para convidar os alunos a refletir sobre estas questões, sem estereótipos. Isto é essencial se quisermos construir uma cidade justa, inclusiva e solidária.



7. Desde 2017, está a decorrer em Bruxelas o programa "Contrato Escola", que visa melhorar o ambiente escolar e a relação entre a escola e o bairro. Pode explicar em que consiste esta iniciativa?

Já falámos da diversidade social e funcional. O "Contrato Escola" é um programa regional de renovação urbana que tem por objetivo melhorar o ambiente escolar e reforçar a relação entre a escola e o bairro, através de investimentos na escola e na sua envolvente durante um período de cinco anos (orçamento máximo de 2,5 milhões de euros por contrato).

Estas ações visam integrar as escolas no meio urbano, a fim de as abrir ao seu meio envolvente. São dirigidas às escolas cujos alunos estão em risco de vulnerabilidade. Até à data, a cidade efetuou vários contratos deste tipo.

Constatamos que a maior parte das experiências que a vossa cidade partilhou com a rede AICE dá uma importância primordial ao princípio nº 20 da Carta das Cidades Educadoras "Educação para a cidadania democrática e global".



Por que razão é importante para as cidades educar para uma cidadania democrática e ativa?

É claro que a experiência do Departamento de Educação da cidade de Bruxelas no domínio da cidadania democrática é notável.

Acreditamos que é fundamental sensibilizar os alunos para a cidadania. Queremos formar "C.R.A.C.S." (cidadãos responsáveis, ativos, críticos e solidários). Como já disse, todos os nossos alunos do 5º ano do ensino secundário fazem um estágio cívico de 30 horas. Isto permite-lhes mergulhar na vida cívica em organizações públicas, hospitais, bibliotecas, ONG, etc. É um programa único na Bélgica. Trata-se de um programa único na Bélgica. Orgulhamo-nos dele, porque o feedback que recebemos dos nossos parceiros, alunos, professores e famílias é extremamente positivo, em termos de maturidade, compreensão das questões sociais e empenhamento cívico.

Também temos todos os anos um grupo de alunos da cidade que viaja para Israel-Palestina com uma ONG que organiza um programa chamado "Pour mieux comprendre" ("Para compreender melhor"): estes alunos vão ao encontro da população local e regressam como "embaixadores de ligações", livres de estereótipos pré-fabricados.

Todas estas iniciativas educativas são a base para uma sociedade melhor.

A melhoria da saúde mental da população é uma das preocupações das autarquias locais após a pandemia. A cultura é uma forma de contribuir para a melhoria da saúde mental? Pode explicar algumas iniciativas nesse sentido?

A reabertura dos espaços culturais após a Covid-19 foi vista como uma lufada de ar fresco muito necessária para a população de Bruxelas.

Na nossa capital, há muitos exemplos de cultura popular, um sentido de festa "bruxelense". A cidade redescobriu com alegria as festas que a tornaram famosa em todos os géneros musicais.

No verão passado, tivemos o "Summer Pop", pequenas feiras itinerantes, que lembram as festas das aldeias, instaladas em três bairros da cidade para workshops e jogos nas suas caravanas. Os nossos "Plaisirs d'Hiver" (prazeres de inverno) estão entre os melhores mercados de Natal da Europa e atraem um grande número de turistas.

A questão da saúde mental é preocupante: os nossos concidadãos estão sujeitos a múltiplas tensões, incluindo a ansiedade ecológica. A saúde mental tem um enorme impacto social, familiar e profissional. Há que fazer tudo o que for possível, a começar pela escola, para desanuviar o espírito, nomeadamente através da cultura.

Os nossos programas escolares incluem um "Itinerário Cultural e de Educação Artística", com um projeto anual para as escolas primárias (este ano, o teatro de Molière; no próximo ano, a Arte Nova). Parece que alguns médicos também decidiram "prescrever" visitas culturais aos seus pacientes; isto mostra a importância daquilo que alguns consideram um "passatempo", mas que é tão vital para o nosso bem-estar.





A cidade de Bruxelas foi eleita na Assembleia Geral de Andong, em outubro de 2022, como novo membro do Comité Executivo da AIEC. O que é que o motivou a candidatar-se e qual é, na sua opinião, o aspeto mais importante de ser membro desta Associação?

Como membro do Comité Executivo da AICE, a cidade deseja ser ativa, em particular para reunir as cidades do Norte da Europa em atividades de descoberta e de reflexão conjunta sobre a Cidade Educadora.

Devido à dimensão da cidade e aos seus recursos humanos, Bruxelas possui competências em inúmeros domínios relacionados com a educação. É uma cidade internacional e sede de um grande número de organismos internacionais, nomeadamente a União Europeia, o seu Parlamento e a sua Comissão, que constituem alavancas de ação para sensibilizar para os princípios da Cidade Educadora.

Estamos habituados a organizar encontros internacionais e a acolher grupos de todo o mundo. Estamos plenamente convencidos do valor acrescentado que organizações internacionais como a AICE oferecem para partilhar experiências e enriquecer-nos com a pluralidade de pontos de vista educativos e pedagógicos.

Os nossos programas escolares incluem um "Itinerário Cultural e de Educação Artística", com um projeto anual para as escolas primárias (este ano, o teatro de Molière; no próximo ano, a Arte Nova). Parece que alguns médicos também decidiram "prescrever" visitas culturais aos seus pacientes; isto mostra a importância daquilo que alguns consideram um "passatempo", mas que é tão vital para o nosso bem-estar.

